



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**GABRIELA MARRANGHELLO LUIZELLI**

**(depoimento)**

**2015**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA



**Projeto:** Garimpendo Memórias

**Número da entrevista:** E-594

**Entrevistado/a:** Gabriela Marranghello Luizelli

**Nascimento:** 05/06/1989

**Local da entrevista:** Padaria Marechal Floriano.

**Entrevistadora:** Suellen dos Santos Ramos

**Data da entrevista:** 01/10/2015

**Transcrição:** Luiza Loy Bertoli

**Copidesque:** Suellen dos Santos Ramos

**Pesquisa:** Suellen dos Santos Ramos

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

**Total de gravação:** 52 minutos e 35 segundos

**Páginas Digitadas:** 31 páginas

**Observações:**

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de mestrado de Suellen dos Santos Ramos intitulado *Futebol e Mulheres no Rio Grande do Sul: a trajetória esportiva de Eduarda Marranghello Luizelli (Duda)* realizada junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Inserção no esporte; Escolinha de futebol feminino do Sport Club Internacional; Inserção no time Sociedade Esportiva Recreativa e Cultural Chimarrão; Participação na Seleção brasileira; Inserção no futsal; Atuação no futebol italiano; Carreira no esporte; Atuação na Associação Carlos Barbosa de Futsal (ACBF); Formação em Administração; Expectativa do futuro para o futebol feminino; Valorização do esporte feminino no Brasil e na Itália; Escola da Duda; Projetos futuros para o futsal e o futebol feminino no Rio Grande do Sul.

Porto Alegre, 01 de Outubro de 2015. Entrevista com Gabriela Marranghello Luizelli a cargo da pesquisadora Suellen dos Ramos para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

S.R. – Gabi, primeiro eu queria te agradecer por conceder essa entrevista para gente, por participar desse projeto e queria começar te perguntando como foi tua inserção no esporte?

G.L. – Me inseri, na verdade, através da minha irmã, a Duda<sup>1</sup>. Desde pequena eu já jogava, então, quando ela abriu a escolinha, se eu não me engano foi em 1995, 1996, foi por esse tempo, um pouquinho antes. Ela começou a escolinha e eu comecei a frequentar. Na verdade, eu não gostava muito de futebol, não gostava de jogar, gostava de assistir, mas eu não jogava muito. Mas fui indo, comecei a ir, comecei a me inserir e desde então não parei mais.

S.R. – Então a tua irmã teve grande influência na tua iniciação ao futebol principalmente?

G.L. – Claro, sim. Eu sempre gostei muito de esporte, mas o futebol com certeza foi influência total.

S.R. – Tu tem alguma experiência em algum outro esporte?

G.L. – Sim, eu fiz alguns esportes. Eu fiz natação, fiz tênis, ginástica olímpica, no colégio eu jogava handebol que era um esporte que eu gostava bastante, mas foi só na escola esse.

S.R. – E tu te lembra com quantos anos tu entrou na escolinha do Sport Club Internacional?

G.L. – Foi quando começou, agora eu não me lembro do ano. Mas eu era bem pequena, eu tinha uns cinco, seis anos. Por 1994, 1995.

S.R. – Foi em 1996. E como foi essa experiência?

---

<sup>1</sup> Eduarda Marranghello Luizelli.

G.L. – 1995... Ah não me lembro. Porque em 1996 eu já fiz o meu aniversário lá no Parque Gigante<sup>2</sup>. Foi nos meus sete anos, meu aniversário de sete anos foi lá. E não sei se já não havia escolinha.

S.R. – Pelas informações que eu tenho, foi em março de 1996. Então de repente...

G.L. – Pode ser, em março.

S.R. – De repente começou antes na equipe, depois veio a escolinha. Então tu comemorou o aniversário lá, não é? Como que eram divididas as turmas?

G.L. – Não, não tinha. Eu jogava em uma turma bem maior que eu, se tu olhar as minhas fotos, eu sou uma “pitoca” e todo mundo era enorme na época. Eu às vezes nem tocava na bola. Ficava lá pescando só, só lá na frente. A diferença é que não tinham muitas turmas, porque eu acho que na época não era muito divulgado ainda, era bem no início e acabou que eu comecei com meninas bem mais velhas do que eu. Mas acho que em uns dois anos que começou a ter várias turmas de várias idades. Que começou a setorizar.

S.R. – Começou como atacante também?

G.L. – Eu? Não [risos]. Na verdade é, a gente sempre começa como atacante, e a gente passa para zagueira e vai indo [risos].

S.R. – Dizem que conforme vamos ficando mais velhas, vamos descendo de posição não é?!

G.L. – Eu fui ao contrário, comecei como atacante, fui para zagueira e depois para o meio. [risos]. Só não me colocaram de goleira, porque eu era muito ruim, porque altura eu tinha. [risos].

---

<sup>2</sup> Área de lazer oferecida aos sócios do Sport Club Internacional.

S.R. – Tem algum professor que te marcou na escolinha?

G.L. – Eu lembro muito do Padilha<sup>3</sup>, foi um dos primeiros professores ali da escolinha. Com certeza no meu início foi ele. Depois passaram outros professores, o Ronaldo<sup>4</sup> eu também gosto bastante, esteve presente em vários anos. Mas o Padilha, naquele início, influenciou bastante. Nem sei onde ele está [riso].

S.R. – E tu lembras quais os campeonatos que tu participou pela escolinha?

G.L. – Nossa, muitos! Lembro no início, quando começou a escolinha, logo em seguida entrou Inter<sup>5</sup> e Grêmio<sup>6</sup>. Fazíamos muitos amistosos com a escolinha do Grêmio, logo no início quando começaram as equipes de competição. Depois alguns campeonatos no SESC<sup>7</sup>, lembro que acontecia lá no campo, não me recordo qual campeonato que era, no início. Depois, quando mais velha já passou a ser os Campeonatos Gaúchos e os Municipais.

S.R. – E nesse início os campeonatos eram da tua categoria, ou tu sempre jogou em categorias acima?

G.L. – No início sim.

S.R. – Não tinha muito definido...

G.L. – Não tinha muito definido as categorias, não me recordo. Mas depois dos meus nove anos já eram com categorias definidas, aí eram os anos definidos certinhos. JPOA<sup>8</sup> que tinha um monte [risos]. Tenho um monte de medalha do JPOA [risos].

---

<sup>3</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>4</sup> Ronaldo Carpin Pires.

<sup>5</sup> Sport Club Internacional.

<sup>6</sup> Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense.

<sup>7</sup> Serviço Social do Comércio.

<sup>8</sup> Jogos Abertos de Porto Alegre.

S.R. – Então tu foi uma das primeiras alunas e vivenciou toda essa evolução da escolinha do Inter?

G.L. – Sim.

S.R. – Como que tu enxerga essa evolução? Número de atletas...

G.L. – Ela foi uma evolução muito boa até 2004 quando acabou. Uma evolução muito boa, eu já estava crescendo, naquela época eu estava indo para o sub-17, sub-15, não me lembro. Dezesete eu tinha. Dezesete anos, é sub-17. E já estava, claro, bem mais legal, porque tu vens de categoria a categoria, tu já começava a querer jogar lá no adulto [risos]. Fechou e acabou. Mas a evolução foi muito grande de 1996 até 2004. Infelizmente depois se perdeu um pouco, o Campeonato Gaúcho se perdeu sem Grêmio e sem Inter, falta de incentivo para as equipes entrarem. Eu acho que é isso.

S.R. – E as tuas amizades dentro da escolinha?

G.L. – Eu tive várias amizades dentro da escolinha. Tenho umas que carrego até hoje comigo, claro que se perde por contato, mas muitas se encontram em campeonatos e outras, mesmo fora do futebol, acabaram vindo até hoje. Mas muitas se perderam, perderam contato, mas também passou muita gente pela escolinha nesses anos [risos].

S.R. – E além do Inter, tu jogou futebol em alguma outra equipe aqui do estado ou do Brasil?

G.L. – Futebol de campo?

S.R. – Futebol de campo.

G.L. – Não me recordo. Na Duda<sup>9</sup>, mas depois eu joguei Copa do Brasil, joguei um ano pelo Torrense<sup>10</sup>, é eu joguei um ano pelo Torrense. No outro ano, qual a equipe que eu

---

<sup>9</sup> Escola da Duda.

<sup>10</sup> Grêmio Esportivo Torrense.

joguei?! Duas Copas do Brasil que eu joguei, joguei só o jogo de casa, não lembro qual foi a outra agora. Trocam os nomes todos os anos de time.

S.R. – Continuam as mesmas jogadoras, mas o nome troca. Gabi, como é que foi quando terminaram as atividades do Inter? O que tu fez para te permanecer no futebol?

G.L. – Na verdade, a Duda acabou abrindo a escolinha própria dela. Com isso, eu continuei. Nisso, eu já estava na escola, sempre... No mesmo ano que eu mudei de escola, na verdade que eu estava mais voltada para os estudos naquela época. Eu estava no ensino médio, terceiro ano do ensino médio. Vontade de entrar na UFRGS<sup>11</sup>! Então, mas eu continuei participando da escolinha, normal. Eu acho que eu me foquei mais quando eu terminei o colégio, até 2006, quando eu me formei. Sempre me dividi entre a escola e o futebol. Sempre tive a prioridade da minha escola, de me formar e depois passar na faculdade, então eu sempre fui me forçar no futebol mesmo, depois que eu terminei a escola.

S.R. – Tu teve uma passagem pela Seleção não é?

G.L. – Eu tive duas vezes. Em 2006 e em 2008.

S.R. – Como é que foi essa experiência?

G.L. – Em 2006 eu era muito nova, eu tinha quinze anos, era uma sub-20. Não existia sub-17, nem sub-15. Era sub-20, eu era a mais nova, eu e a Fran<sup>12</sup> na época, éramos as duas mais novas.

S.R. – A Fran do antigo Chimarrão<sup>13</sup>?

G.L. – Não. A Fran que está até hoje na Seleção.

---

<sup>11</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

<sup>12</sup> Francielle Manoel Alberto.

<sup>13</sup> Sociedade Esportiva Recreativa e Cultural Chimarrão.



S.R. – Ah tá.

G.L. – Uma moreninha...

S.R. – Sim, sei.

G.L. – Na principal ela não estava agora nas últimas, mas ela ficou um bom tempo na Seleção. Éramos nós as mais novas, eu era muito franzina naquela época também. Certamente que depois daquilo foi que me despertou o futebol, aquela vontade: “Ah! Quem sabe né?”. Mas foi assim, acho que depois dessa decisão é que talvez tenha me despertado isso, que talvez pudesse dar certo. Podem acontecer coisas legais comigo através do futebol, porque até então o futebol para mim era lazer.

S.R. – Através dessa experiência, tu pode dizer que, tu pensou em ser uma jogadora de futebol?

G.L. – Pensei em ser uma jogadora... Pensei não em uma jogadora, mas que pudessem me abrir portas legais através do futebol, como ir morar fora, enfim. Foi o que no final das contas acabou acontecendo, mas foram oportunidades que eu acho que foram muito importantes pra mim, na minha vida, que foi o futebol que me proporcionou no fim das contas.

S.R. – Tu lembra de ter jogado algum campeonato com a Seleção?

G.L. – Apenas amistosos. Nas duas vezes. Na última vez eu fui cortada antes do Sul-Americano que foi aqui em Porto Alegre.

S.R. – E como foi que aconteceu a tua aproximação ao futsal?

G.L. – Então, o futsal foi uma viagem na verdade. Eu sempre joguei na escola, mas nunca pensei: “Ah! Será que o futsal é mais legal?”. Mas o futsal era na escola, porque só tinha futsal na escola. Eu jogava todas as categorias na escola: Pré-mirim, Mirim, Infantil,

Infanto. Mas na verdade aconteceu através da Kátia<sup>14</sup> e a Pulga<sup>15</sup>, porque elas foram jogar em Porto Alegre e era em 2008, ou 2009, e tinha um brasileiro... Um campeonato de seleções de futsal sub-20 e o Rio Grande do Sul não tinha time ainda, e a Sônia<sup>16</sup> do Chimarrão estava montando um time e tal: “E aí, quem sabe Gabi de tu ir e tal, vamos lá treinar com a gente?” E eu fui lá, acabei participando do campeonato de seleções com o Chimarrão e a partir da minha aproximação do Chimarrão, foi que eu comecei a jogar mesmo, comecei a treinar. Um ano antes eu tinha ido jogar na ULBRA<sup>17</sup>. Então foi em 2009. Em 2008 eu cheguei a ir, me aproximei um pouco do futsal, mas não tão focada, fui mas não fui. Sabe quando tu vai, mas não está muito afim. Eu fui, joguei alguns jogos e depois não joguei mais. Não joguei todo o campeonato assim até o final. Foi assim que começou uma aproximação do futsal mais competitivo digamos.

S.R. – E quais outras equipes tu participou jogando futsal?

G.L. – Então, aqui no Rio Grande do Sul foi o Chimarrão. Depois eu fui para Itália, foi no time da Itália, que eu passei dois anos lá. E agora quando eu voltei, estou na ACBF<sup>18</sup>, no segundo ano agora.

S.R. – E como aconteceu essa tua transferência para Itália?

G.L. – Então, foi uma oportunidade que era um presidente que já tinha trabalhado com o meu cunhado, na verdade, ele estava montando um time para jogar o campeonato regional e no ano... Se ele ganhando o campeonato regional, no próximo ano ele entraria na Série A do futsal, porque naquele ano que eu fui, foi o primeiro ano da Série A. Quando formaram a Série A feminina do futsal na Itália foi o primeiro ano aquele em 2011, 2012. Então quando surgiu a Série A, o cara: “Vou fazer o time feminino, vou ganhar o regional esse ano e o ano que vem entro na Série A!” Foi assim. E daí eu já estava com os meus papéis, praticamente todos prontos. E a minha família entrou com o processo aqui no Brasil, e eu já tinha toda a minha documentação. Aí ele foi falar com o meu cunhado, meu cunhado

---

<sup>14</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>15</sup> Enelize Cristiane Moraes.

<sup>16</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>17</sup> Universidade Luterana do Brasil.

<sup>18</sup> Associação Carlos Barbosa de Futsal.

falou de mim, acabou falando de mim, acabou que a gente começou a conversar e que eu já tinha todos os meus papéis prontos, eles não tinha que fazer nada e eu tinha só que legalizar os meus papéis e ir para Itália. Pra ele foi uma mão na roda e pra mim acabou sendo uma oportunidade para morar fora e acabei indo, a proposta era boa, fiquei aquele primeiro ano lá, ganhamos o campeonato, passamos para a Série A, depois ganhamos a Série A no ano seguinte. Mas foi uma experiência muito legal, além de ter conseguido minha cidadania em meses, claro que aqui no Brasil a minha família ainda está esperando.

S.R. – Através do futsal jogado lá, tu conseguiu a cidadania italiana?

G.L. – Consegui a cidadania italiana, porque quando tu faz residência na Itália, tu consegue entrar com pedido, então demora meses pra sair meu passaporte.

S.R. – E tu jogou só futsal lá?

G.L. – Eu estive na Itália em 2007, jogando campo. Voltei, porque os caras não sabiam fazer minha cidadania, eles não sabiam dos trâmites. Eu levei meus papéis, eles não sabiam fazer e eu acabei voltando.

S.R. – Em qual time de campo tu jogou lá?

G.L. – No Bardolino Verona.

S.R. – Mesma equipe que a Duda jogou?

G.L. – Isso.

S.R. – É? E teve alguma influência dela nisso?

G.L. – Teve, teve. Porque ela tinha contato com... O diretor era o mesmo da época dela ainda.

S.R. – Nossa!

G.L. – E naquela época eu queria ir só para fazer a cidadania, não queria ir pra ficar jogando, não era a minha intenção. Era passar uns meses, pegar minha cidadania e vir embora. Antes eu fiquei só uns meses, não peguei minha cidadania e voltei sem a cidadania, mas enfim [risos].

S.R. – Mas foi.

G.L. – É.

S.R. – E essa iniciativa de ir, foi tua?

G.L. – Foi. Foi minha, porque em 2007... Foi em 2007, eu sai da escola em 2006 e eu estava tentando uma bolsa nos Estados Unidos. Então no início de 2007, não... Deixa eu pensar... Eu estava tentando uma bolsa nos Estados Unidos. Naquele ano eu me lembro que eu não consegui a bolsa, tinha conseguido 50% de bolsa que não me adiantava. Daí acabei: “Então para eu não perder esse semestre, eu vou para a Itália”. Esse era o segundo semestre de 2007; eu fui para a Itália e voltei. No outro ano eu tinha a proposta de uma universidade, a mesma que a Mila<sup>19</sup> foi.

S.R. – Sim.

G.L. – Eu fiquei meio ano para fazer o TOEFL<sup>20</sup>, porque essa faculdade exigiu o TOEFL, fiquei estudando na metade de 2008, primeira metade fiz só inglês, pra fazer o TOEFL. Mas antes de irmos, trocou toda a comissão técnica e eles não queriam mais dar 100% da bolsa. Aí eles só queriam dar 80% da bolsa. Daí eu falei pra Mila: “Mila, eu não teria como ir”. Meio que eu me desmotivei. Só que a Mila continuou indo atrás e um semestre depois ela acabou indo com 100% da bolsa. É que eu não fui atrás, na verdade, teria que ir atrás. E ela foi pra Universidade que a gente ia na época, no meio de 2008, e no final de 2008 ela foi.

---

<sup>19</sup> Kamilla Marchi.

<sup>20</sup> Test of English as a Foreign Language.

S.R. – Sim, lembro. E nesse meio tempo surgiu a oportunidade de jogar futsal na Itália?

G.L. – A Itália foi depois, em 2011.

S.R. – Sim, foi um tempo depois.

G.L. – Nisso eu entrei na UFRGS em 2009.

S.R. – Então foi bem depois. Tá, além desse regional e do nacional na série A, tu jogou mais algum campeonato por lá?

G.L. – Joguei, joguei vários na verdade. No primeiro ano jogamos o regional - nós ganhamos -; jogamos a Copa Itália Nacional, de acesso, não era a Copa Itália da série A, era uma Copa Itália dos campeões regionais, que nós ganhamos também; e jogamos um campeonato das regiões – o que eles fazem – eles pegam os campeonatos regionais e fazem seleções da região, exemplo: a minha região era Abruzzo. Eles fizeram, se chama, representativa lá, é uma seleção da região que tem todo ano, é bem legal esse campeonato. Eles têm as categorias de campo que tem de pequeno até grande, o futsal que é uma categoria só - só uma idade- , mas do campo tem mais de uma categoria e eles reúnem as seleções das regiões de um lugar durante uma semana, se chama *Torneio de La Regione*, seria o torneio das regiões. Que ganhamos também pela Abruzzo, que foi quase todo o nosso time que era da série C, digo, lá da região da Abruzzo, fomos lá representar a Abruzzo, porque todo o time era de lá. Eles levaram quase todo o nosso time que era mais forte.

S.R. – Aham. Sim.

G.L. – E nós ganhamos esses três campeonatos no nosso primeiro ano. No segundo ano foi só a série A, porque perdemos a Copa Itália, na semifinal.

S.R. – E tu jogou só neste time?

G.L. – Sim, só neste time.

S.R. – E qual o nome?

G.L. – Azzeta Gold Puma.

S.R. – Eu lembro que teve contrato assinado e apresentação...

G.L. – Foi bem organizado. Na verdade lá na Itália tem crescido muito o movimento do futsal. Ano passado eles criaram a seleção italiana, então...

S.R. – Ano passado?

G.L. – Ano passado criaram a seleção italiana de futsal. Só que...

S.R. – De mulheres ou de homens?

G.L. – De mulheres. Já tinha o masculino. Criaram a feminina. Para tu ter uma ideia, esse ano quando apresentaram as camisetas novas da seleção, estavam o Guerin<sup>21</sup>, o Buffon<sup>22</sup> da seleção de campo, a capitã da seleção de campo feminina, um cara da seleção de futsal masculina e a capitã da seleção feminina de futsal. Porque lá é uma federação só, então são todos tratados igualmente.

S.R. – Sim, diferente daqui.

G.L. – Não é que o campo e salão são separados. São todos juntos. Então os uniformes são todos iguais.

S.R. – Sim, entendi.

G.L. – Tudo que a Seleção masculina tem direito, a feminina também tem de futsal, por exemplo. Mas claro, é o futsal e campo. Vai ter uma diferença, mas é por causa dos

---

<sup>21</sup> Guirgio Chiellini.

<sup>22</sup> Gianluigi Buffon.

campeonatos que tem. Mas em termos de futsal os dois são... Hoje são separados. Ano passado teve um movimento muito forte. Esse ano eles criaram uma Série A de elite, eles pegaram os dezesseis melhores da Série A, fizeram um campeonato “*top*” antes e depois dividiram a Série A mesmo em mais times.

S.R. – E tu, com uma cidadania, não pensou em de repente tentar uma vaga na seleção?

G.L. – Na verdade nós já pensamos em voltar para lá, talvez isso ocorra ano que vem ainda. Até por que agora eu me formei, está mais tranquilo de ir, mas claro... A gente já conversou... O Rodrigo<sup>23</sup>, meu marido, também tem a cidadania, a gente falou esses dias, porque ele também tem a possibilidade de, por exemplo, pegar uma seleção lá. E a gente conversa muitas vezes sobre isso, claro que é uma oportunidade muito legal, foi um país que me acolheu super bem, com certeza se viesse ocorrer a possibilidade, eu iria. Tem gente que talvez não fosse, enfim. Daí vai de cada um.

S.R. – E tu identifica alguma diferença na estrutura que tu tinha lá na Itália com a estrutura que tu tem aqui no Rio Grande do Sul, no Brasil?

G.L. – Como que eu vou te dizer? Estrutura do time?

S.R. – Do time, de tudo.

G.L. – Do campeonato? Em termos de campeonato e visibilidade, na Itália cresceu muito rápido, eles deram um “*boom*” agora que superou o Brasil, eu acho. Porque tem muitos jogos televisionados, inclusive do feminino, agora as finais do campeonato feminino foram todas televisionadas, as finais que tiveram do último campeonato. O masculino já é televisionado, assim como no Brasil seria a Liga televisionada. A feminina está crescendo bastante lá, a TV influencia muito, com patrocinador, com tudo. Em termos de visibilidade lá está ganhando bastante daqui. Em termos de estrutura, vamos dizer que eles ainda estão crescendo, pecam em algumas coisas, mas não deixam de te oferecer nada. Estou te falando, comparando com a ACBF<sup>24</sup> que nós temos quase tudo lá. Talvez se eu fosse

---

<sup>23</sup> Rodrigo Canabarro.

<sup>24</sup> Associação Carlos Barbosa de Futsal.

comparar com o Chimarrão na época que joguei, não é... A estrutura é baixa. Hoje eu acho que a ACBF tem uma estrutura, acho que ainda podem melhorar muito, eles também pecam em algumas coisas. Acho que em todos os lugares, às vezes, alguma coisa fica debilitada, mas lá eles tem tudo na mão: tem o dinheiro, os locais bons, tem tudo para crescer sempre e cada vez oferecer mais para os atletas. Às vezes ainda pecam algumas coisas de estrutura, mesmo de time; acho que isso acontece em tudo que é lugar, sempre tem alguma coisa que não está boa.

S.R. – E em algum momento da tua carreira, dizendo de um modo geral, tu conseguiu te sustentar jogando futebol ou futsal?

G.L. – Sim, lá na Itália eu consegui me sustentar. Lá foi um lugar que eu guardei dinheiro, inclusive. Então uma das razões de eu ir, foi ter essa experiência de viver do futebol, foi uma experiência de “eu quero saber como é que é”. E foi uma experiência legal, porque eu estava em outro país, conhecendo pessoas novas, uma língua nova, cultura nova e ainda ganhando dinheiro com aquilo [risos].

S.R. – Oh!

G.L. – Então foi bem legal. Claro que eu usei bastante do dinheiro que eu guardei para viajar depois no final, antes de ir embora. Mas eu acho que foi bem aproveitado [riso].

S.R. – E aqui no Brasil?

G.L. – Não, também ganhei dinheiro, mas nada comparado, aqui é uma ajuda de custo, na verdade. Bem ridícula, digamos bem ínfima. Claro que... Principalmente aqui no Rio Grande do Sul talvez, mas foi por opção minha eu acho também, porque eu falo que eu nunca quis sair daqui, porque quando eu fui para a Seleção, pela primeira vez, a minha irmã falou: “Se tu vai querer ir, tem que ir para São Paulo, tu sabe disso”. Mas eu não queria sair daqui, porque eu queria terminar a escola antes, foi como eu te falei, eu dei prioridade para a minha escola. Eu fiquei e dei prioridade para me formar, e tentar uma universidade federal aqui, porque eu não precisaria sair daqui. A questão era: “Se eu não



conseguir passar na UFRGS, de repente eu vou para uma universidade em Santa Catarina, vou para São Paulo”.

S.R. – Se dependesse da Duda, tu estaria jogando...

G.L. – Ela chegou e me falou: “Tu sabe que tu vai continuar na Seleção, em termos competitivos. Tu tem que sair daqui, infelizmente hoje nós não temos campeonatos”. Mas naquele momento eu queria terminar meu colégio, não me imaginei morando em casa de atleta naquela época, não estava preparada para aquilo [riso].

S.R. – E como é que tu chegou na ACBF?

G.L. – Então, a ACBF, na verdade... Ano passado, quando eu estava aqui no Brasil já, eu voltei em 2013, no final de 2013 eu não joguei pela questão do meu pai, eu não tinha nem cabeça para jogar. Em 2014 a Cota<sup>25</sup> foi para lá e ela quem acabou me levando pra lá. Eu fui, comecei a treinar pra ver se gostava, acabei ficando, hoje eu estou morando lá [risos]. Mas foi assim que começou na verdade, foi através da Cota que me indicou lá ano passado.

S.R. – Show. Fala um pouquinho da tua vida profissional. Como é que tu fez essa escolha, tu tá me dizendo que desde sempre tu quis passar na UFRGS, quis fazer uma universidade federal, mas e a tua profissão? Como é que tu escolheu? Por que tu escolheu ela?

G.L. – Então, eu tentei Educação Física e Direito antes. Eu tentei primeiro o Direito, porque eu não sabia o que eu queria fazer, e eu não passei. Graças a Deus, porque eu odeio as cadeiras de Direito. E depois eu... Daí eu passei, no mesmo ano que eu tentei Direito, eu passei na PUC<sup>26</sup> para Educação Física, porque todos os meus testes vocacionais davam Educação Física. E eu: “Então vou tentar na PUC, vai que eu tire o primeiro lugar e ganhe de graça”, foi o que eu pensei na minha cabeça. Não sei se ainda tem bolsa mérito, mas antes tinha.

S.R. – No meu tempo tinha. Mas não sei se agora tem.

---

<sup>25</sup> Jaqueline Carine Peres.

<sup>26</sup> Pontifícia Universidade Católica.

G.L. – Mas não sei se agora tem. E foi isso. Passei em terceiro lugar, não consegui a bolsa, mas eu fiz porque eu não tinha passado na UFRGS, daí eu fiz um semestre para ver. Para ver se era realmente aquilo que eu queria. E não era o que eu queria...

S.R. – Não bateu?

G.L. – Não bateu comigo. Hoje eu sou uma pessoa que me imagino até, fazendo Educação Física, mas naquela época eu não me imaginava, não sei por quê. Mas me bateu assim: “Eu não quero ser professora, eu não quero trabalhar em academia, não quero”. Mas sabe que talvez hoje eu enxergue outros ramos que eu poderia ter ido que eu gosto muito, por exemplo, o treinamento funcional que eu adoro, eu acho muito legal essa parte. Talvez se tivesse ido para essa parte, tudo bem, mas na época eu nem conhecia o treinamento funcional, então eu não enxergava outro caminho além da academia e ser professora, não me via trabalhando como professora.

S.R. – Dar aula de futebol, nem pensar?

G.L. – Não. Não me via, não tinha perfil de professora. Eu fiz um estágio na escolinha da minha irmã naquele semestre, mas não me via como professora. Fiz, gostava das crianças, mas não era meu aquilo, não vinha de mim.

S.R. – Aham.

G.L. – Depois de voltar da Itália, depois de dar errado lá nos Estados Unidos que eu estudei para UFRGS, eu tentei Administração, eu pensava: “Se é para trabalhar em uma academia, eu prefiro ser a dona da academia e administrar a academia”. Sempre pensei assim: “Se é pra ter uma escolinha de futebol, eu não quero dar aula, eu quero ser a administradora dessa escolinha”; Se é pra ter alguma coisa, eu prefiro administrar e eu sempre gostei de números, tive muita facilidade com matemática na escola, sempre gostei muito de finanças, essa parte. Então surgiu a Administração na minha vida. Depois, até acabou quando eu voltei, o meu pai ficou doente, acabei assumindo a livraria, então

acabei... No final da faculdade é que a Administração começou a fazer mais parte da minha vida, começou a fazer sentido. Ela faz sentido, eu já formada, mas sentido bem maior.

S.R. – Tu já acompanhava o teu pai aqui, na livraria?

G.L. – Antes não. Eu só ajudava eles na Feira do Livro<sup>27</sup> antes.

S.R. – Então assim, hoje, qual é a tua relação com as escolas da Duda?

G.L. – Então, eu ainda ajudo a minha irmã na parte administrativa. Mas é isso, ajudo. Eu dou as minhas opiniões quando abre alguém e me pergunta alguma coisa. Mas é isso assim, mais isso. Claro, eu sempre envolvida, quando tem campeonatos, ela me chama. Me enche o saco pra eu ir jogar [risos].

S.R. – Ela me disse que tu quem gerencia a escola.

G.L. – É. Eu quem cuido da parte administrativa de todos os gerentes. Passa tudo por mim na verdade, eu que faço os relatórios todos, mensais, de todas as escolas.

S.R. – Não sei se tu pode me falar um pouco mais sobre isso...

G.L. – Posso.

S.R. – Não falando em relação a números, mas em como é feito esse gerenciamento.

G.L. – Na verdade eu faço ele desde que eu entrei, porque antes, no início, eu trabalhava na escolinha, na sede da Galvão Esportes. Então eu comecei a organizar as coisas lá, fazer vários controles e depois que eu saí de lá, continuei fazendo vários controles. Então, é um controle de número de alunos, pagamentos, inadimplência, enfim, de crescimento de uma escola ou não. “Estão aumentando os custos, está ruim essa escola, não vale a pena, fecha, tenta alguma outra coisa”... Então eu cuido mais dessa parte, faço relatórios mensais, cuido

---

<sup>27</sup> Feira do Livro de Porto Alegre.

dos pagamentos e dos uniformes que são retirados lá, mas é mais essa parte assim, mais burocrática.

S.R. – Sim, essa parte que a Duda não faria.

G.L. – Sim, ela se perde [risos].

S.R. – E tu gerencia os professores também?

G.L. – Não, só os gerentes.

S.R. – Os gerentes.

G.L. – Eu tenho contato com os gerentes.

S.R. – Entendi.

G.L. – Meu contato com eles é por e-mail, através de *whatsapp*, enfim. E nas reuniões, quando acontecem as reuniões, porque é difícil reunir todos.

S.R. – São quatorze sedes, não é?

G.L. – É um pouco menos agora, são dez.

S.R. – É? Tem em média quantos professores em cada sede?

G.L. – Uns dois, por aí.

S.R. – E a captação de alunos, ela passa para ti ou é através dos gerentes também?

G.L. – Não, geralmente através dos gerentes. Só me passam os relatórios. Essa parte da captação, de buscar alunos, a Duda busca fazer, porque ela sabe que só com ela é que acontecem as coisas. Ela sabe que tem que partir dela algumas coisas, até para motivar os

gerentes. Então tem que partir dela ir em uma escola visitar ou: “Vamos colocar umas faixas, vamos divulgar”. Ela sabe que parte muito dela isso. Claro que talvez não precisasse partir, mas precisa. Precisa, porque as pessoas precisam de uma motivação e precisam saber que ela está ali, interessada, presente.

S.R. – Até porque leva o nome dela. Acho que ela carrega muito isso.

G.L. – É ruim, porque ela tem muita coisa hoje para cuidar e ela, com certeza, sozinha não dá conta de tudo como deveria, talvez. Por exemplo, a meta dela é ir uma vez por mês em todas as escolas, mas nem sempre ela consegue ir.

S.R. – Sim, são muitas.

G.L. – Porque ao todo são dez, são dez dias, no mínimo, no mês dela. De vinte dias uteis.

S.R. – Sim. E tu participa do gerenciamento da equipe adulta também?

G.L. – Não.

S.R. – Ela tem alguma coisa a ver com a escolinha?

G.L. – Não. É um acordo com a prefeitura. Uma parceria com a prefeitura de Canoas<sup>28</sup>, eu não sei como é que funciona. O que ela tem, na verdade, é que ela liga e leva as gurias da escolinha, as gurias do sub-17 que tem na escolinha para treinar lá junto. E tem o projeto social de Canoas que acontece junto, mas que teoricamente não tem a ver com a escolinha, tem a ver com o nome “Duda”.

S.R. – Sim.

G.L. – Tem a ver com a Duda, não com a Escolinha da Duda.

---

<sup>28</sup> Município do estado do Rio Grande do Sul.

S.R. – Sim, claro. Mas tu continua participando de forma ativa como atleta não é [risos]?

G.L. – É, também [risos].

S.R. – Quantos campeonatos tu jogou com a equipe adulta que não era da escolinha?

G.L. – Nossa, gente do céu. Eu acho deve ter começado ali... Em 2007 que eu estava fora, que foi o ano que voltou o Inter.

S.R. – A Copa do Brasil.

G.L. – Que voltou o Inter, que eu tava na Itália, eu não joguei.

S.R. – Tu não foi?

G.L. – Não fui, eu estava na Itália. Eu não participei. Em 2008, que eu acho que foi quando começou o Porto Alegre<sup>29</sup>, foram uns campeonatos adultos, que eu acho que foi quando voltou o Campeonato Gaúcho. Se não me engano. É que em 2004 e 2008 não teve Campeonato Gaúcho. Em 2007 eles fizeram um jogo entre Inter e algum outro time.

S.R. – Juventude<sup>30</sup>!

G.L. – Para decidir quem ia para a Copa do Brasil. Não.

S.R. – Foi.

G.L. – Outro time, muito ruim, porque eu lembro que foi uma goleada [riso].

S.R. – Bah!

---

<sup>29</sup> Porto Alegre Futebol Clube.

<sup>30</sup> Esporte Clube Juventude.

G.L. – Ou era um triangular: um ruim, o Inter e o Juventude. Não me lembro, mas foi algo assim, foram três times no máximo.

S.R. – Tá.

G.L. – Foi quando começou a voltar o Campeonato Gaúcho, em 2008 voltou o Campeonato Gaúcho.

S.R. – Sim.

G.L. – Eu não lembro se a gente foi ainda... Em 2008 a gente foi, eu me lembro que jogamos no campo suplementar do Inter ainda, que tinha alguma coisa ligada de 2007. Lembro uma final entre Duda e Duda, os dois times da Duda.

S.R. – Lá no campo suplementar.

G.L. – Teve lá no campo suplementar.

S.R. – Quando tinha a escolinha, se utilizava bastante as estruturas do clube, fora o Parque Gigante?

G.L. – Sim.

S.R. – Tu te lembra de algum outro jogo?

G.L. – Eu me lembro de alguns jogos que tivemos no campo suplementar que aconteceram amistosos... Claro que na época que tinha o time adulto, eu frequentei muito dentro do estádio, porque o time adulto usava as estruturas todas do clube, como a fisioterapia e tudo mais. Circulei bastante lá dentro [risos].

S.R. – E hoje, qual é a participação que tu tem dentro do futebol e do futsal? Como tu te vê hoje dentro do futebol e do futsal?

G.L. – Como eu me vejo?!

S.R. – É.

G.L. – Na verdade o futebol acabou ficando um pouco em segundo plano. O futsal se fez bem presente na minha vida, desde que eu entrei no Chimarrão, na verdade nunca... Em 2009 eu não conto muito, mas a partir de 2010 que foi onde o Chimarrão deu a reviravolta, onde se renovou, que eu me engajei mesmo com o projeto do Chimarrão. E se fez bastante presente, e abriu muitas portas pra mim. Eu vivenciei muita coisa através do futsal que talvez o futebol de campo não tinha me dado até então. Mas eu peguei um gosto pelo futsal, muito grande que eu não tinha antes, e me arrependo muito de não ter ido mais nova para o futsal, porque eu acho que eu me desenvolvi muito tecnicamente através do futsal. Então o futsal me acrescentou dentro do futebol, me fez crescer como pessoa, me fez crescer como tudo. Ele me proporcionou muita coisa nesses últimos anos, acho que eu mudei muito. Se eu pegar a Gabi lá em 2009, quando começou a jogar o futsal, teoricamente competitivo, e olhar hoje, eu mudei muito, tanto de cabeça quanto tecnicamente, como em tudo. Então eu acho que hoje no futsal eu tenho... Criei uma história mais importante no campo, apesar de no campo ter ido aquelas duas vezes para Seleção, mas talvez, se eu quisesse ter continuado no campo, teria que sair daqui. Como no futsal, acabei indo para fora e ter a experiência lá foi muito boa.

S.R. – Sim. A tua história dentro do futsal e futebol é muito parecida com a da tua irmã. Começou no Inter, aí foi para a Itália, participou da Seleção... [riso]

G.L. – É, só que a minha irmã não teve a passagem pelo futsal, teve pouco durante, no final do Inter teve... Os últimos anos do Inter teve a equipe de futsal que ela jogou um pouco.

S.R. – Sim.

G.L. – Na verdade o campo sempre foi prioridade para ela. Hoje para mim o futsal é a prioridade.



S.R. – Mas como tu vê essa relação entre estas duas trajetórias?

G.L. – Não, mas claro tem muita influência. É engraçado, porque odeio que me chamem de irmã da Duda [risos]. Sempre odiei. Eu falo... A gente brinca, porque eu ia para os lugares e eu dava sempre o meu segundo sobrenome, não dava meu último sobrenome, porque era o que ela usava. Então eu ia para os lugares e me apresentava como Gabriela Marranghello e não como Gabriela Luizelli. Sempre fui para me desvincularem da minha... Daquele rótulo de irmã da Duda [risos]. E acho que talvez, eu indo para o futsal eu consegui me desvincular desse rótulo, um pouco. Talvez consegui ver outra... Crescer, enfim. Acontecer tudo que aconteceu. Lá na Itália ninguém sabia que eu era irmã dela [risos]. Mas enfim, por incrível que pareça, lá não foi por escolha minha, mas sempre me chamavam pelo meu primeiro sobrenome, por Marranghello. Quando saiam as reportagens, lá é tudo pelo sobrenome das pessoas, não chamam pelo nome. Então todas as reportagens eram com o nome de Marranghello, não era Luizelli, mas não sei por que começou. Mas foi isso assim. Talvez eu me desvinculei um pouco do rótulo através do futsal, mas claro que teve muita trajetória parecida, a maioria por influencia dela. As vezes que eu fui para a Itália, ela me deu a maior força. É isso...

S.R. – Tu acredita que essa tua ida para a Itália e essa tua aproximação do futsal, criou uma identidade que hoje tu...

G.L. – Criou uma identidade minha dentro do futsal.

S.R. – Tu é a Gabi.

G.L. – É [risos]

S.R. – Mas te incomodava mesmo?

G.L. – É eu nunca gostei muito, mas sempre falavam: “Tu é a irmã da Duda, por isso tu está jogando”. Aí eu ficava na minha, não porque me incomodava, mas não gostava, porque eu gostaria de ser por mim e não por ela. Até porque as nossas características são diferentes. [risos].

S.R. – É [riso]!

G.L. – Segundo o meu pai, se ele tivesse uma quinta filha, a quinta que seria craque. Porque ia juntar a habilidade da minha irmã com a minha força [risos].

S.R. – Boa.

G.L. – Minha força e o meu físico, ele falou: “Se eu tivesse a minha quinta filha, ela que seria craque, ela ia ser a Marta<sup>31</sup>” é bem [risos].

S.R. – Vocês são quatro não é?

G.L. – Somos quatro.

S.R. – E as tuas irmãs participaram do futebol, se inseriram no esporte?

G.L. – Não, a Juliana teve um... Ela participava das aulas das meninas mais velhas da escolinha, mas foi assim mais. A outra não, nem dá bola [risos].

S.R. – Legal. Então, mais para finalizar, quais são as tuas expectativas hoje para o futebol jogado, principalmente aqui no Rio Grande do Sul, futebol e futsal, enfim, o que te aproxima mais, e no Brasil de um modo geral?

G.L. – Acho que em termos de futebol de campo, acho que se não vierem os times grandes, nós vamos continuar nessa mesmice, infelizmente. Porque a gente depende de mídia, a gente depende de... Se não vierem os times grandes. Mas o movimento nacional está crescendo, acho que com o Campeonato Brasileiro já começou vários times grandes a participarem como: Flamengo<sup>32</sup>, Santos<sup>33</sup>, São Paulo<sup>34</sup>... São Paulo acabou. Mas eu vi que

---

<sup>31</sup> Marta Vieira da Silva.

<sup>32</sup> Clube de Regatas Flamengo.

<sup>33</sup> Santos Futebol Clube.

<sup>34</sup> São Paulo Futebol Clube.

o Corinthians<sup>35</sup> estava para voltar, então eu não sei se vai voltar. Então está tendo uma onda de volta dos times grandes e isso vai ser bom. Talvez o Inter e o Grêmio queiram voltar. Eu acho que sem os times grandes, fica difícil ir para frente, porque o futebol de campo é complicado.

S.R. – E tu te enxerga nesse cenário como gestora?

G.L. – Já pensei em algumas coisas.

S.R. – Porque hoje tu é uma gestora também.

G.L. – É.

S.R. – Além de atleta, tu é gestora.

G.L. – Já pensei em termos de futsal também que eu gosto. Coisas que eu me aproximei bastante lá na ACBF, já pensei nesse cenário, talvez daqui uns anos, não sei. Mas é uma coisa que eu me aproximei muito desse mundo do futsal nos últimos anos e que talvez fosse um caminho que seja seguido daqui a tempos, mas é interessante. O futsal mesmo... Eu vou dizer que o futsal infelizmente, para dar o pulo aqui no Brasil, a CBFS<sup>36</sup> teria que se juntar com a CBF<sup>37</sup>, porque com as Federações separadas fica complicado. Se juntassem, talvez, teria uma visibilidade maior e o campeonato seria um pouco mais organizado. Hoje a Liga<sup>38</sup> está em uma semana, igual a Taça Brasil. É ridículo o que acontece! Até uns anos atrás a Liga acontecia em uma semana a fase inicial e depois os “mata-matas” era ida e volta. Agora está ridículo isso. E está muito centralizada em Santa Catarina, em Brusque e em Chapecó. Então tu tem dois times lá em cima e todos os outros aqui embaixo. Então enquanto não tiver um apoio maior e acho que as Federações se unirem, ia ser melhor para o futsal, para tentar organizar um campeonato assim como ocorreu o de campo agora.

---

<sup>35</sup> Sport Club Corinthians Paulista.

<sup>36</sup> Confederação Brasileira de Futsal.

<sup>37</sup> Confederação Brasileira de Futebol.

<sup>38</sup> Liga Nacional de Futsal.

S.R. – E o campeonato gaúcho. Tu vê uma certa evolução nele?

G.L. – Do futsal?

S.R. – Não, do campo.

G.L. – Evolução é difícil. Eu vejo lá atrás, na verdade. Porque eu vivenciei o Campeonato Gaúcho lá quando pequena, vendo o Inter e Grêmio jogar, Juventude, e era outro campeonato. Acho que a organização está muito fraca, tem pouca verba, está virando um campeonato, talvez, fora dos padrões dos times, então cada vez tem menos times participando. Esse ano, eu acho que o time da Duda participou de quatro partidas, sei lá, no ano inteiro. É ridículo! Acho ridículo tu colocar um time para participar de quatro jogos.

S.R. – Exatamente.

G.L. – Vai ter cinco, seis, sete agora. No máximo sete jogos no ano inteiro. Tá errado, tem alguma coisa errada aí.

S.R. – Tá. E tu tem alguma ideia do por que isso aconteceu?

G.L. – Um pouco de descaso pela Federação Gaúcha, porque não são eles que organizam o campeonato. As meninas não são federadas no campo, não é federada da federação, tu não tem a tua ficha do time lá. Isso é um problema, na verdade, esse descaso. Talvez se a federação organizasse seria outra coisa.

S.R. – Sim.

G.L. – Então é um pouco de desinteresse, de alguém que arregace as mangas pelo futebol feminino lá dentro. Porque hoje, para tu poder ir e voltar de um estado para o outro, existe aqui no Rio Grande do Sul, pode pagar uma taxa para a Associação Gaúcha<sup>39</sup> que tu pode jogar aqui.

---

<sup>39</sup> Associação Gaúcha de Futebol Feminino.

S.R. – É verdade.

G.L. – E em nenhum outro estado precisa. Isso em qualquer outro estado é via Federação. Tu não pode jogar um ano em vários times.

S.R. – É verdade. Lá tem as federações são um pouco mais desenvolvidas.

G.L. – É.

S.R. – E aqui, para o futebol feminino, não temos uma federação. É uma Associação.

G.L. – Associação que tem a chancela da Federação<sup>40</sup>. Mas a Federação não está nem aí para o que acontece ou deixa de acontecer.

S.R. – Tem mais alguma coisa que eu não te perguntei e que tu gostaria de falar?

G.L. – Do futsal, talvez, é complicado dizer do futsal. Nosso problema, aqui no Brasil, são as distâncias é o que encarece o campeonato, tanto regional quanto nacional. A gente vê... As italianas brincavam quando elas falavam que o meu estado é mais longo do que atravessar a Itália [riso]. Eu ir até Uruguaiana<sup>41</sup> jogar é mais longe do que eu atravessar a Itália lá.

S.R. – Bah [risos]!

G.L. – Mais ou menos isso. Não é brincadeira [riso]. Aqui a gente demora dez horas até Uruguaiana, lá para atravessar a Itália de Norte a Sul é menos.

S.R. – Facilita não é?

G.L. – Facilita fazer um campeonato assim, com custo menor.

---

<sup>40</sup> Federação Gaúcha de Futebol.

<sup>41</sup> Município do estado do Rio Grande do Sul.

S.R. – Sim.

G.L. – E é complicado para o futsal, porque tem muita disparidade de times. O Uruguaiana meteu sete a um num jogo.

S.R. – Sério?

G.L. – É muito ruim. Os outros times vão entrar como no campeonato no próximo ano?! Primeiro ano desse time de Santo Ângelo<sup>42</sup>, e não vão entrar mais.

S.R. – Desmotiva. É uma pena, porque... E quanta guria tem que joga futsal e joga futebol, e joga bem.

G.L. – Porque é um campeonato caro, porque a Federação Gaúcha de Futsal cobra caro.

S.R. – Encarece. Tudo é cobrado.

G.L. – E outra, imagina uma viagem até Uruguaiana quanto que custa.

S.R. – Bah! É no mínimo uns cinco mil reais.

G.L. – Mais.

S.R. – Só o ônibus.

G.L. – Mais a alimentação.

S.R. – Isso, e o alojamento.

---

<sup>42</sup> Município do estado do Rio Grande do Sul.

G.L. – E hoje tem muito isso. Talvez se fizessem, eu não sei, mas talvez melhorasse se fizessem regionais primeiro, mais times entrassem. Não sei. Depois reunisse uma semana, dois de cada região. Não sei, podia ser feito uma formula melhor do campeonato, pra incentivar mais.

S.R. – Aham.

G.L. – Já dispuetei todos os campeonatos, uma copa, um regional, sei lá.

S.R. – Mas acho que para isso acontecer, alguém vai ter que meter a cara. A Duda não pensa em ser essa gestora em prol do futebol no Rio Grande do Sul?

G.L. – Acho que ela pensa. Ela tem uns projetos, acho que... Agora nesse último ano ela foi procurada pela CBF, bastante. Então ela tem alguns projetos. Eles têm a ideia de fazer polos regionais de futebol feminino e ela é a indicada para coordenar o da região Sul. Então acho que se realmente tiver que acontecer, será um projeto bem legal. Com certeza ela estará à frente das... Tem que acontecer, sair do papel os projetos, porque eles geralmente ficam no papel.

S.R. – Exatamente!

G.L. – Mas foi uma verba que entrou da Copa do Mundo que era de futebol feminino e agora parece que liberou outra verba do Ministério do Esporte. Então eles estão com esses projetos agora, e eles querem fomentar a base, eles querem fazer centro... Eu não sei se é a Alemanha que tem ou os Estados Unidos, eles têm centros regionais de futebol feminino...

S.R. – Aham.

G.L. – De base. Então eles querem fazer aqui no Rio Grande do Sul. Eles querem manter bases da CBF, por exemplo, em polos no Sudeste, no Sul, no Centro Oeste.

S.R. – Eles manteriam essa base, manteriam as meninas, digamos assim?

G.L. – Teoricamente sim, manteriam.

S.R. – Nossa. Essa eu quero ver, hein?

G.L. – É. Se sair do papel vai ser bom. Mas alguns passos estão sendo dados, principalmente dentro da CBF, porque eu acho que o Marco Aurélio<sup>43</sup> que entrou, ele sim está dando a cara à tapa.

S.R. – É, pois é.

G.L. – Ele começou. Olha, o Campeonato Brasileiro já está aí se mostrando mais organizado do que no primeiro ano em que ele aconteceu, e aconteceu o *draft* agora com as meninas da seleção. É tudo um crescimento que está tendo, querendo ou não.

S.R. – Sim, sim.

G.L. – A Seleção Permanente, querendo ou não, deu uma estrutura para as meninas, financeiramente. É um valor certo que elas vão receber, não é igual a um clube que elas vão e não irão receber.

S.R. – Sim.

G.L. – Acho que... Mas eles sabendo que eles têm que começar da base desde pequena já é algo importante, deles quererem investira, agora tem que sair do papel isso. Porque se eles não investirem na base, eles não vão ter seleção daqui uns anos, porque a Marta vai acabar.  
[risos]

S.R. – A Marta daqui a pouco não joga mais, é na base que tudo acontece, porque essa é a grande chave da questão. Nós não tivemos uma base. A seleção hoje não teve base.

---

<sup>43</sup> Marco Aurélio Cunha.



G.L. – Eu acho, desde que eu fui para o futsal, muito importante, talvez se a CBF se juntasse com a CBFS e fizessem a base dentro do futsal, se até os treze anos tu ficasse no futsal e depois tu fosse para o campo, tu teria muito mais qualidade. Talvez tu desse um pulo na frente de vários países. Que nenhum outro país tem o futsal como no Brasil, em termos de técnica e habilidade, enfim, o que já aconteceu. A história do Brasil dentro do futsal, se tu usasse esse potencial do futsal para o campo...

S.R. – Bah! Acho que ia dar bom hein?!

G.L. – Imagina se tu tivesse um campeonato até treze anos com as meninas só no futsal. Organizava campeonatos nacionais de futsal. É algo assim que é um sarro. Depois dos treze anos, quem partia para o campo ia para o campo e quem continuasse no salão, ficasse no salão. Tu ia conseguir ter duas seleções muito melhores do que tu tem hoje. Sendo que a de futsal já é a melhor em vários anos, mas né.

S.R. – Sim, sim.

G.L. – Imagina se tu fomentasse a base, como o Brusque<sup>44</sup> fez que criou um grupo.

S.R. – Aham. Lá na ACBF tem base?

G.L. – Feminina?

S.R. – É.

G.L. – Não, mas tem meninas sub-20 que fazem parte do grupo. Eles querem, estão tentando organizar um campeonato estadual sub-20.

S.R. – Show.

---

<sup>44</sup> Município do estado de Santa Catarina.

G.L. – Quatro times, vai ser de quinta à domingo. “Torneiozão”. Mas já é um início talvez. Desde que o Chimarrão, na verdade, que a Sônia saiu do Chimarrão, o Rio Grande do Sul não participou mais dos campeonatos de base da CBFS e isso o campo tem de bom, porque eles tem campeonatos de base sub-17 e sub-20 nacionais.

S.R. – Aham.

G.L. – O campo não tem. Tem os campeonatos de seleções que eu participei que são as seleções dos estados e tem o torneio de clubes.

S.R. – Tu diz isso no campo ou no salão?

G.L. – Salão. Tem sub-17 e sub-20 e são organizados. É uma semana o campeonato, mas tem. O campo não tem. Mas talvez seja certo fazer a base no futsal, mas teria que ser investido no futsal.

S.R. – E manter o investimento na fase adulta.

G.L. – Sim.

S.R. – Tu investe na base do futsal, mas depois vai ir para onde?! No futebol, digamos assim.

G.L. – É. Não sei se tu tem mais alguma pergunta. [risos]

S.R. – Não. Tu quer falar mais alguma coisa?

G.L. – Não que eu me lembre.

S.R. – Então tá. Muito obrigada tá?!

[FINAL DA ENTREVISTA]